

**REFLEXÕES A RESPEITO DO ENSINO-
APRENDIZAGEM DE LÉ EM UMA TURMA DA
TERCEIRA IDADE: MEMÓRIA E MIGRAÇÃO NA
LITERATURA AFRO-ITALIANA E BRASILEIRA**

**Riflessioni sull'insegnamento-apprendimento
di LS in una classe senior: memoria e migrazione
nella letteratura afro-italiana e brasiliana**

**Thoughts on Teaching and Learning in an
FL Senior Class: Memory and Migration in
Afro-Italian and Brazilian Literature**

AGNES GHISI*
DANIELA BUNN**

RESUMO: Ensinar LE no Brasil, hoje, é desafiador, mas também peculiar. Iniciativa como a realizada no Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), vinculada ao estágio supervisionado do curso de Letras Italiano, teve como objetivo o ensino do italiano com temáticas sensíveis e engajadas, visando ao bem-estar e à participação ativa da pessoa idosa (BELLA, 2008). Pensar a pessoa idosa como alguém que continua se desenvolvendo e que é capaz de aprender e expandir o próprio universo a partir da leitura como um prazer (BALBONI, 1994) foi também um dos objetivos e motivação do estágio. Procurou-se trazer para o debate questões

*Mestranda do PPGLIT - Universidade de Santa Catarina
ghisiagnes91@gmail.com (ORCID: 0000-0002-6899-6014)

**Docente - Universidade de Santa Catarina
daniela.bunn@ufsc.br (ORCID: 0000-0002-3072-7599)



socialmente relevantes que estimulassem um olhar sensibilizado e plural a partir da literatura. Em particular, com *La mia casa è dove sono* (2010), de Igiaba Scego, propuseram-se discussões que abordassem o tema da memória, da imigração e do reconhecimento de questões interculturais (MENDES, 2015). Isso permitiu um diálogo em que tensões do cotidiano brasileiro puderam ser encaradas a partir do (con)texto italiano. Neste artigo, pretende-se refletir sobre as questões que surgiram e que foram promovidas por essa experiência de estágio, sobre como as temáticas propostas foram recebidas pelo grupo, e sobre como o ensino de língua apresentou certa emancipatoriedade, quebra de estereótipos e revisão de (pre)conceitos.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino-aprendizagem; Língua italiana; Terceira idade; Literatura afro-italiana.

ABSTRACT: Insegnare LS in Brasile oggi è una sfida, ma anche un'esperienza peculiare. Iniziativa come quella tenuta nel Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI), dell'Università Federal de Santa Catarina (UFSC), legata allo stage supervisionato del corso di Lettere Italiano, aveva come obiettivo principale l'insegnamento dell'italiano attraverso temi sensibili e impegnati, mirando al benessere e alla partecipazione attiva degli anziani (BELLA, 2008). Pensare l'anziano come qualcuno che continua a svilupparsi e che è in grado di imparare ed espandere l'universo stesso dalla lettura come un piacere (BALBONI, 1994) è stato anche uno degli obiettivi e la motivazione dello *stage*. Abbiamo cercato di portare alla luce questioni socialmente rilevanti che avrebbero stimolato uno sguardo più sensibile e plurale sulla letteratura. In particolare, con *La mia casa è Dove sono* (2010), di Igiaba Scego, sono state proposte discussioni sul tema della memoria, dell'immigrazione e del riconoscimento delle tematiche interculturali (MENDES, 2015). Ciò ha permesso un dialogo in cui le tensioni della vita quotidiana brasiliana potevano essere affrontate a partire dal (con)testo italiano. In questo saggio, intendiamo riflettere sui temi che sono emersi e che sono stati promossi da questa esperienza di stage, su come i temi proposti sono stati ricevuti dal gruppo, e su come l'insegnamento della lingua ha presentato una certa emancipazione, rottura di stereotipi e pregiudizi rivisti.

PAROLE CHIAVE: Insegnamento-apprendimento; Lingua italiana; Terza età; Letteratura afroitaliana.

ABSTRACT: Teaching a FL in Brazil, nowadays, is a challenge, but it's also very peculiar. Initiatives such as the one that took place in Núcleo de Estudos da Terceira

Idade (NETI), in the University Federal de Santa Catarina (UFSC), linked to the supervised internship in *Letras Italiano*, aimed to teach Italian through sensitive and socially committed subjects, aspiring to promote the elderly's wellness and active participation (BELLA, 2008). Among the internship's motivations and goals was the consideration that these people continue to develop and are capable of learning and expanding their own worlds by reading for pleasure (BALBONI, 1994). We tried to bear out discussions from literary texts that brought to light socially relevant themes encouraging a sensible and plural view. Particularly, discussions were proposed based on *La mia casa è dove sono* (2010), by Igiaba Scego, aiming to address themes such as memory, migration and acknowledgment of intercultural questions (MENDES, 2015). Thus, it became possible to create a dialogue in which from Brazilian daily tensions were seen from the point of view of the Italian (con)text. In this article, we intend to reflect on the issues that arose and that were promoted by this internship experience, on how the proposed themes were received by the group, and on how language teaching presented a certain emancipation, breaking stereotypes and reviewing (pre)concepts.

KEYWORDS: Teaching and learning; Italian language; Elderly; African Italian literature.

1. O contexto

*Sono italiana, ma anche no. Sono somala, ma anche no.
Un crocevia uno svincolo.
(La mia casa è dove sono, Igiaba Scego)*

Ensinar curricularmente uma língua estrangeira em nosso país, hoje, apresenta-se como um grande desafio para o/a docente, principalmente pela carga horária semanal dedicada a línguas adicionais como o espanhol, o francês, o italiano e o alemão, que, frequentemente não chega a uma hora semanal. Os desafios de ensinar extracurricularmente ou por meio de projetos de extensão uma dessas línguas apresentam-se também de forma peculiar que, muitas vezes, superam as expectativas do que poderia ser considerada como uma mera aula de língua estrangeira.

O contexto de ensino-aprendizagem com grupos de pessoas adultas e idosas é um campo fértil para reflexão e discussão de temáticas atuais e sensíveis, mas também para o desenvolvimento de um trabalho com a memória e com o (re)conhecimento cultural. Particularmente, na área da língua italiana, pode-se considerar a discussão de temas sócio-históricos, como, por exemplo, a imigração italiana e a herança cultural do *Bel Paese* no Brasil, o contato com a literatura afro-italiana, o conhecimento de que o italiano é também língua oficial e co oficial em outros países. Segundo Bella (2008, p. 38), a língua italiana assume, para muitas pessoas, um papel perceptível de resgate das origens, uma forma de rememorar o passado, a infância, as lembranças de outrora; nos termos da pesquisadora, trata-se de uma forma de autoconstrução a partir das histórias de seus *antenati*. Embora esse objetivo seja nítido, não só em grupos específicos de pessoas idosas, o que se procurou traçar com esse projeto, ao mesmo tempo em que se apresentavam diferentes *inputs*, para estimular o relato pessoal e trazer à tona as memórias de cada participante (como poesia, músicas italianas antigas e contemporâneas), foi a leitura de uma literatura contemporânea que colocava em xeque a visão de uma Itália acolhedora, visando, assim, ao (re)conhecimento das culturas de origem africanas praticamente ignoradas nos materiais didáticos.

O Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI), vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, propõe atividades voltadas para pessoas acima de 50 anos, com o objetivo de promover o bem-estar por meio do aprendizado. Na vasta área de estudos de gerontologia, o ensino de línguas estrangeiras, especificamente do italiano, ainda é um campo novo, com somente alguns trabalhos dedicados exclusivamente à análise e discussão desse fértil terreno, isto é, os estudos da área ainda são incipientes no Brasil (COSTA SOUSA e NEVES DE SOUSA, 2019, p. 269). As reflexões aqui propostas buscam, assim, ajudar a enriquecer discussões e criar diálogos com trabalhos da área, bem como propor um relato crítico do contexto de atuação, onde discentes de Letras - Italiano realizaram o estágio obrigatório supervisionado, em 2019.

A população idosa brasileira assistiu a um rápido crescimento nas últimas décadas (IBGE, 2020), o que revelou certo despreparo por parte das políticas públicas de cuidado, acolhimento

e promoção do bem-estar dessas pessoas (WILLIG et al., 2012), e é nesse contexto que se percebe a importância de espaços como o NETI e os trabalhos ali desenvolvidos, que permitem conferir uma ressignificação a essa fase da vida e sua relação com o aprendizado, a sala de aula, a memória sociocultural e a formação do indivíduo. O objetivo do curso intitulado “Introdução à língua italiana por meio da literatura e da música”, lecionado pelas estagiárias Agnes Ghisi e Marika Avezzù de Souza Rodrigues, coordenado pela professora Daniela Bunn¹, durante o ano de 2019, no NETI, foi de criar um espaço em que o ensino-aprendizado da língua italiana se desse por meio da abordagem comunicativa, da leitura e discussão de textos literários e de canções italianas, a partir dos quais se propunha o estudo da gramática, a aquisição de vocabulário, a (re)construção subjetiva dos/das estudantes, além do estímulo à leitura, objetivo que superou as expectativas. O espaço físico do NETI permitiu conforto e algumas facilidades tecnológicas como projetor, computador e caixas de som de qualidade, bem como boa conexão à rede.

Desse modo, os materiais didáticos organizados pelas estagiárias eram distribuídos de forma impressa e amparados por toda a tecnologia disponível naquele ambiente de ensino. Além disso, o NETI conta com uma área externa arborizada e segura, onde se podem promover atividades fora da sala de aula, ou melhor, onde foi permitido expandir o espaço de conhecimento e prática da língua italiana, bem como promover a socialização dos/das estudantes entre si. Essa etapa, da socialização, mostrou-se essencial para o desenvolvimento das atividades propostas em sala de aula, visto que se tratava de um grupo muito diversificado, tanto em relação à idade, com pessoas de 50 a 85 anos, quanto à classe social, com pessoas que jamais haviam estudado uma língua estrangeira ou saído do país e outras que já haviam viajado para outros países e até mesmo estudado na Itália. O grupo reunia, ainda, pessoas com certas debilidades físicas, o que fez com que muitas atividades tivessem que ser adaptadas; reunia também pessoas já aposentadas e outras que ainda trabalhavam e faziam o curso no intervalo do trabalho. Essas situações ainda envolviam o deslocamento até a Universidade, com pessoas que tinham maior ou menor facilidade para chegar até lá. Tudo isso corroborou a composição de um grupo com muitas particularidades e diferenças entre si, mas que, a cada aula, parecia, de modo geral, buscar uma harmonia própria.

Uma das problemáticas abordadas no estágio e trazida à tona neste artigo é o papel da sala de aula de língua estrangeira como um lugar de formação de pessoas críticas (FREIRE, 2021, p. 32-34), que repensem tanto a realidade do próprio país como do país da língua que se aprende. Diante desse cenário, o objetivo principal foi trabalhar a questão da memória e da migração na literatura afro-italiana e brasileira, a partir das memórias e dos relatos dos alunos, a fim de estimular uma visão mais crítica e uma perspectiva diferente da cultura estrangeira. Pensar a pessoa idosa como alguém que continua se desenvolvendo e que é capaz de aprender e expandir

1 Citação de nomes autorizada pelas participantes.

o próprio universo a partir da leitura como um prazer (BALBONI, 1994) foi também um dos objetivos e motivação do estágio.

2. Memória e migração na literatura afro-italiana e brasileira

*O movimento vaivém nas águas-lembranças
(Recordar é preciso, Conceição Evaristo)*

Pode-se perguntar: mas por que, especificamente, a literatura e não outros argumentos, como geografia ou culinária? Por que literatura, na dimensão da prosa, da poesia e da canção? Durante a elaboração do projeto de estágio, uma das discussões trazidas para a sala de aula foi a questão dos hábitos de leitura da população brasileira, que tem assistido a uma progressiva queda no número de leitores e leitoras por diversas razões, desde socioeconômicas até a presença de novas tecnologias que ocupam o seu tempo livre (DINIZ, 2020). Com isso, buscou-se criar estratégias que estimulassem a leitura e promovessem um espaço de partilha e de construção da subjetividade dessa turma enquanto um grupo de pessoas leitoras. A literatura, neste âmbito, foi encarada como uma fonte rica, uma ponte intercultural e interpessoal, capaz de promover diálogos, reflexões e partilhas sensíveis. A literatura, para pensar com Antônio Cândido (1995), é um direito humano fundamental que reconhece que aquilo que se considera indispensável para alguém é também indispensável para o outro, num gesto de (re)conhecimento e aproximação.

Em relação ao contexto de ensino, tratava-se de um grupo de pessoas com experiências prévias de leituras, com bagagens culturais muito diversas entre si, as quais poderiam, assim, se enriquecer mutuamente nesse espaço de partilha chamado sala de aula. As diferentes trajetórias e perspectivas foram sempre convidadas a integrar a discussão e promover algo em conjunto, uma composição que trazia o familiar, o vivido, a memória, mas também o novo, que vem com o outro e era experimentado na sala de aula, com a literatura italiana e as partilhas ali feitas a partir dela. A sala de aula, assim, se configura como aberta a gestos humanos, manifestações de afeto e dignidade da pessoa adulta. Para além disso, há ainda o prazer da literatura e da experiência estética que ela propicia e que pode ser compartilhada, permitindo a criação de diálogos, de relatos pessoais, e uma abertura para ouvir e pensar o outro, bem como para ir além da literatura, colocando-a em contato com outras linguagens artísticas, como a música, o cinema e a fotografia, elementos que enriqueceram o material didático preparado especificamente para esse grupo de estudantes.

De modo geral, o material sempre foi elaborado em duas mídias diferentes: uma projetada na tela, rica em imagens, vídeos e músicas disponíveis em plataformas digitais gratuitas, que poderiam ser acessadas pelo grupo de estudantes depois do momento da aula; e a outra, por um material impresso que acompanhava o material projetado. Este último continha principalmente

textos e atividades a serem realizadas individualmente, em casa, ou em pequenos grupos, na sala de aula. Uma particularidade desses materiais é a acessibilidade a pessoas mais velhas. Algumas delas já não tinham capacidade motora que permitisse a redação de frases muito longas, portanto, as atividades com texto se voltaram mais para a compreensão de áudio (música e vídeo) e discussão em grupos ou leitura em voz alta – apesar disso, o grupo de modo geral utilizava um caderno pessoal para estudar em casa. Para facilitar a leitura, fez-se necessária uma fonte de tamanho adequado para a visão dessas pessoas, geralmente entre 14 e 16, e em fontes legíveis em que as letras não se confundissem, facilitando a compreensão do texto em língua estrangeira – isto porque, dependendo da fonte escolhida, uma turma de nível iniciante, como era o caso dessa, frequentemente apresenta dificuldades em diferenciar, por exemplo, o pronome pessoal *io* do artigo definido *lo*.

Um *input* recorrente para situar o grupo de estudantes no argumento a ser tratado em aula era o uso de fotografias projetadas que instigassem visualmente a memória. A partir disso, propunha-se um diálogo entre a imagem trazida, as discussões e relatos levantados, e o texto literário. No caso em específico, a respeito da literatura afro-italiana, optou-se por tratar a questão da migração, da memória e da herança cultural das pessoas migrantes no passado e atualmente. Para que esse diálogo fosse colocado em ação, projetaram-se duas imagens: uma em preto e branco, de um navio com pessoas migrantes italianas que chegavam ao Brasil no século XIX; a outra, em cores, de um barco com pessoas migrantes sírias que chegavam à costa italiana em 2018. O título do material impresso já indicava o argumento a ser tratado: *Letteratura afro-italiana e la questione della migrazione*. Assim, localizou-se o contexto do material, a literatura afro-italiana, e se propôs uma expansão a partir dele, com a questão da migração para o Brasil e para a Itália, em momentos diferentes da história, mas que, de certo modo, se assemelham. Com isso, pretendeu-se aproximar os antepassados de muitas das pessoas presentes às famílias sírias. Aproximar visualmente a situação permitiu pontuar tanto as semelhanças quanto as diferenças das realidades dessas pessoas e do acolhimento que cada país oferece.

A abordagem musical, feita geralmente no início da aula e repetida no encerramento, estabelecia um momento de preparação lúdica para o tema da aula, bem como seu início e seu término. Nesse caso, a canção apresentada já estava inserida no contexto de discussão a respeito de migração a partir das imagens e das discussões e relatos levantados. Para a atividade musical em questão, optou-se por uma artista contemporânea e jovem – visto que o grupo de estudantes estava habituado a ouvir canções conhecidas e que tocavam na rádio nos anos 1960. A canção, assim, se apresentava como uma novidade. “Mandela”, da artista italiana Margherita Vicario, abriu caminho para a discussão a respeito de pessoas migrantes na Itália tanto a partir de uma atividade de compreensão visual do videoclipe projetado na tela da sala de aula, promovendo a discussão a respeito das pessoas que integram o vídeo e quais possivelmente seriam suas histórias, instigando a imaginação e delineando um imaginário cultural italiano por parte do grupo de estudantes; quanto, em um segundo momento, a partir de uma atividade de *cloze*, a correção com o áudio da canção e a leitura em voz alta, feita de modo voluntário pelas pessoas da turma

interessadas em praticar, o que visa também à autonomia de cada pessoa e ao estímulo à prática. A realidade do grupo de alunos/alunas que vivem na cidade em que o estágio foi desenvolvido permitiu ainda a sugestão do documentário “Griô – A história negra do centro de Florianópolis”, organizado pelo coletivo Maruim, o que permitiu aproximar Roma da canção de Margherita Vicario e a cidade do grupo de alunos/alunas promovendo, na expressão que escolhemos, o (re) conhecimento da cultura outra e da cultura própria.

Durante a discussão a respeito do que se tratava o videoclipe, o grupo de estudantes foi convidado a repensar seu imaginário em relação à Itália: quem são as pessoas não brancas presentes no vídeo? Qual sua história? A partir de questões simples se pode abrir o horizonte para o tema da migração e suas nuances, bem como para a multiculturalidade e multietnicidade que compõem a península, tema que nem sempre é abordado nos materiais didáticos. Em um primeiro momento, a maioria das pessoas do grupo não considerou que todas as pessoas do vídeo pudessem partilhar da mesma nacionalidade, e propôs-se uma discussão mais breve – devido ao tempo disponível – a respeito das questões que envolvem ser um cidadão ou uma cidadã na Itália, a *jure sanguinis* e a *jure soli* (DOLCHER, 2010), isto é, o direito à cidadania italiana por ascendência e por nascimento em solo italiano e quais as problemáticas que as pessoas que “não parecem italianas” enfrentam na Itália. Foi um primeiro momento de repensar a realidade da pessoa migrante, bem como de seus descendentes, e humanizar essas histórias ao trazê-las para um contexto de afeto e memória. O recurso imagético se mostrou interessante tanto do ponto de vista de trazer à memória a história dos antepassados quanto o de mostrar uma Itália que geralmente não se vê, que é a Itália multiétnica. Edleise Mendes, no artigo *A ideia de cultura e sua atualidade para o ensino-aprendizagem de LE/L2*, alerta para o fato que trabalhar a ideia de cultura de forma mais ampla e engajada é complexo, “pela difícil tarefa de se definir e escolher que temas e áreas de interesse culturais devem ser abordados, sem correr o risco de tropeçar nos estereótipos, tão frequentes no cotidiano da sociedade, assim como nos planejamentos de cursos e elaboração de materiais didáticos voltados para o ensino de línguas estrangeiras” (MENDES, 2015, p. 204). Procurou-se trazer para a sala de aula, representantes que mostrassem tanto outras Itálias aos alunos/às alunas como também a realidade étnica brasileira, por um viés intercultural. Nesse ínterim, coadunou-se com a crítica em sua assertiva, que, no campo do ensino-aprendizagem, no caso em específico de uma L2, importa compreender que “ao ensinarmos língua, estamos ensinando uma língua-cultura” (MENDES, 2015, p. 216).

Desse modo, a escolha dos escritores e escritoras foi motivada por um fio condutor que conecta suas escritas ao tema das aulas, isto é: a (i)migração. A literatura de migração é também de testemunho, de memória, é registro histórico, composta por escritas de realidade em choque, que muitas vezes traz à tona relatos e pontos de vista silenciados. É uma literatura, então, que apresenta inerentemente uma ideia de minoria oprimida e, com isso, de um sistema de opressão perpetuado por políticas públicas, que historicamente divergem em termos de acolhimento na Itália e no Brasil (PRADO e ARAÚJO, 2019). O país sul-americano é referência internacional de acolhimento e socialização – mesmo que muitas medidas ainda possam e devam ser tomadas

(OLIVEIRA e SANTOS, 2015) –, enquanto a península italiana tem visto, principalmente desde 2016, imigrantes que, impedidos ou com dificuldades de chegarem à costa, se afogam na tentativa de alcançar o *Bel Paese*.

Especificamente, no planejamento relativo à literatura, colocaram-se em diálogo os escritores e as escritoras: Igiaba Scego (Itália, 1974), Conceição Evaristo (Brasil, 1946), Ndjock Ngana (Camarões, 1952) e Chidi Christian Uzoma (Nigéria, 1964). A partir desses nomes, propôs-se que a turma repensasse suas estantes e voltasse seu olhar para a produção literária nacional e italiana, promovendo, assim, um breve debate a respeito de tradução e a acessibilidade a livros no Brasil. Ponto central nas aulas, Igiaba Scego é autora de obras que permitem aberturas para outros temas, e, devido a sua particular relação com o Brasil², permite ainda expandir o olhar para a literatura de pessoas afrodescendentes em língua portuguesa no Brasil e em língua italiana. Partiu-se da leitura de um trecho do romance *La mia casa è dove sono* (2010) com o objetivo de estimular uma abordagem afável do romance, que trata, desde o início, do vínculo afetivo com a tradição oral familiar, passada de geração em geração, e que forma cada pessoa enquanto indivíduo no mundo. Scego, ao debater sua identidade italiana com ascendência somali, lança luz para uma Itália multiétnica, o que sugere certa proximidade com o Brasil, bem como apresenta um universo familiar que pode se assemelhar ao do público leitor, como de fato se revelou ser o caso, reservadas as diferenças culturais de cada história. Por outro lado, aponta também para os horrores da colonização e os efeitos que se veem ainda na atualidade.

A leitura de Scego, além de promover relatos pessoais por parte de alunos e alunas a respeito de histórias familiares e a relação com a tradição oral e a língua, estimulou ainda uma acesa discussão acerca de termos racistas que se perpetuam, de geração em geração, no Brasil. Pensando tanto na condição das pessoas migrantes hoje, no Brasil e na Itália, quanto naquela dos familiares que chegaram ao Brasil em meados do século XIX e início do século XX, o debate fez aproximar pessoas de culturas e temporalidades diversas para um diálogo humano de acolhimento e compreensão, de escuta e percepção das realidades violentas que produzem indivíduos em situação de vulnerabilidade. Ademais, a respeito da língua, tratou-se da Era Vargas e de sua política linguística monoglósica. Um relato comum ao grupo de alunos foi o italiano como língua de afeto por ser a língua ouvida em casa, em ambientes familiares, mas não na escola, e que não fora passada para a geração nascida depois de 1938. Vê-se como o aprendizado da língua estrangeira permite um contato com muitas áreas de conhecimento, já que, a partir da leitura de um texto literário, abriu-se a discussão para elementos sócio-históricos e linguísticos.

O romance de Scego, ao tratar de memória e migração, possibilitou trazer para a sala de aula dois poemas para diálogo: *Recordar é preciso*, de Conceição Evaristo, e *Prigione*, de Ndjock

2 A autora escreveu, por exemplo, um livro sobre Caetano Veloso, que foi lançado na Festa Literária de Paraty (FLIP), em 2018. Cf. SCEGO, Igiaba. *Caminhando contra o vento*. São Paulo: Buzz/Nós, 2018.

Ngana. A poeta brasileira evoca, em seu título, o mais conhecido poema de Fernando Pessoa, voltando seu olhar para a história de colonização do Brasil – o que, no dado contexto, acenava de volta para Scego, que trata da colonização italiana na Somália –, bem como traz para o campo do poético a história e as histórias que permeiam em cada subjetividade. O poema de Evaristo aponta, assim, para a relação que se traça com a memória, tanto pessoal quanto de uma nação, e causou comoção em indivíduos do grupo de estudantes. Por sua vez, o poeta camaronês trata da migração como um gesto de vida e liberdade. Foi apresentada a leitura do poema pelo próprio poeta na plataforma *Youtube*, numa atividade de *cloze*, e passou-se então para a discussão dos textos literários. Para enriquecer o debate, voltou-se novamente para Scego, dessa vez em uma entrevista disponível no *Youtube*, intitulada *Immigrazione=opportunità. La parola a Igiaba Scego*, em que a escritora argumenta em favor da noção de que imigração é sinônimo de oportunidade. Scego e Ngana provocam ainda um abalo na percepção de “pessoa italiana” que a maioria das pessoas têm, isto porque ver um homem negro e uma mulher negra falando fluentemente a língua dos antepassados, a língua da memória e dos afetos desse grupo de estudantes provocou um deslocamento da visão de uma Itália racialmente homogênea e branca. O que havia sido estimulado no começo da aula foi aprofundado por dar voz, em língua italiana (como materna e estrangeira), a esses rostos. Essa nova percepção do país europeu, além de sugerir ao grupo que há muita Itália para se conhecer, vivências e vidas tanto semelhantes quanto diferentes de seus antepassados, estimulou um novo olhar e busca dessa Itália outra, heterogênea, e que gerou estranhamento por parte de alguns alunos e alunas.

Ainda a respeito da literatura de imigrantes na Itália, como é o caso de Ngana, passou-se à leitura de um poema do nigeriano Chidi Uzoma, que vive em Roma, como Scego e o poeta camaronês. O poema é intitulado *Villa Litterno – Italy* e é dedicado a Jerry Masslo. As duas indicações, geográfica e biográfica, apontam para um momento e um lugar da história italiana. Essa localização precisa lançar o público leitor em um espaço imbricado de questionamentos: quem é Jerry Masslo? Onde fica Villa Litterno? Por que o título está em inglês e não em italiano? Qual a relação do poeta com esse nome e lugar? Perguntas prontamente feitas em sala de aula, em um gesto curioso e intrigado. Convidado à leitura antes de buscar as respostas, o grupo pode perceber certa universalidade que o poema de Uzoma é capaz de dar a um fato quando o poeta. A potência da poesia se fez perceber outra vez. A realidade tratada no poema é a mesma realidade de que fala Freire (2021), na qual a violência se faz mais presente no cotidiano e as pessoas convivem muito mais com a morte do que com a vida.

O tom de denúncia do poema convoca o público leitor a observar esses elementos, e o primeiro verso é um convite-imputação: *Guardate...* [Olhem]. Fazendo-se voltar para algo dentro e fora do poema, para os versos que seguem e para o mundo ao redor, promovendo no grupo de estudantes um exercício de imaginação e de memória, aguçando as percepções. Uzoma aponta para a constante violência sofrida por grupos de pessoas africanas imigrantes na Itália, particularmente nos campos de colheita de tomate, e especificamente para o assassinato de Jerry Masslo (1959-1989). Como apontam Bouchard e Ferme (2014, p. 431-433), o caso

de Masslo é significativo para a história de refugiados na Itália: Masslo exigia do governo italiano o reconhecimento como refugiado político, o que, à época, só era concedido a pessoas vindas de outros países europeus. O assassinato violento de Masslo teve grande repercussão em cidades maiores e com maior visibilidade no país, como Roma, o que culminou, em 1990, com a Lei Martelli, que visa a regularizar a situação de pessoas extracomunitárias refugiadas na Itália. A violência tratada no poema de Uzoma levou o grupo de alunos e alunas a repensar a brutal realidade que permeia campos e marca a história da agricultura no Brasil. No curso, a colega estagiária já havia ministrado uma aula a respeito da tradição indígena brasileira, por isso, algumas pessoas puderam associar a violência sofrida por Masslo e seus companheiros à violência perpetuada por alguns agricultores em aldeias indígenas no Brasil.

3. O texto literário e o grupo de estudantes: olhares e (des)afetos

*[...] Avere un solo corpo,
un solo pensiero,
una sola conoscenza,
una sola essenza
avere un solo essere
è prigione.*

(Prigione, Ndjock Ngana)

Esse quadro geral de escritores e escritoras que tratam da memória e de questões humanitárias fez o grupo de estudantes e de formandas enfrentar realidades e situações que se assemelham, mesmo em regiões diferentes do globo, em diferentes temporalidades. Promover uma discussão que envolve avaliar os próprios valores e memórias, perceber a violência operada constantemente para a manutenção da exploração de pessoas vulneráveis, bem como relacionar esses elementos às políticas públicas da Itália e do Brasil fez com que a sala de aula de língua estrangeira se transformasse em um ambiente de debate múltiplo e atual, que conecta eventos e nomes a um modo de perceber a realidade. Fez encarar a brutalidade dos fatos, o papel de cada indivíduo na sociedade que produz tais brutalidades, bem como o papel da sala de aula de língua estrangeira enquanto um lugar de formação de pessoas críticas da realidade do próprio país (FREIRE, 2021), mas também do país da língua que se aprende. Refletir sobre as ações mais que necessárias que essas violências provocam é um modo de encontrar, no contato com o outro, por meio da literatura, um pouco de esperança, elemento essencial para o contexto de ensino-aprendizagem crítico (FREIRE, 2021). Por exemplo, o caso de Masslo e das pessoas de ascendência e origem africana nas lavouras italianas não só fez com que o governo italiano repensasse a concessão

de direitos a pessoas não-europeias, como também que se criasse um movimento contra o abuso de corpos africanos nas lavouras, contra novos sistemas de escravidão.³ São escritas que convidam a olhar o mundo e suas relações a ouvir o outro. Entretanto, esse outro não é apenas um imigrante distante no tempo ou geograficamente: o convite se estende às pessoas próximas, na cadeira ao lado, transformando a sala de aula em um espaço de aprendizado e partilha do sensível, de amparo e respeito a todos os indivíduos.

As obras estimularam relatos familiares em língua portuguesa, que é a língua de afeto desse grupo de estudantes. O conhecimento de língua italiana daquele grupo não abarcava ainda vocabulário e gramática que permitissem a elaboração de um discurso complexo, que trata de memórias vividas e ouvidas, percepções de um mundo cambiante e de situações de vulnerabilidades assistidas e, até então, não percebidas como tais. Foi preciso, então, pensar a formação humanitária dessas pessoas, quer dizer, permitir que cada pessoa fosse além da compreensão e produção em língua italiana e que se criasse um espaço de acolhimento das subjetividades presentes naquela sala de aula, promovendo um sujeito que é mais do que apenas estudante de língua estrangeira. Nesse sentido, o papel de cada formanda passa por uma avaliação também: professoras de língua, mas que saibam admitir a língua, o tempo e a individualidade de cada estudante. Por vezes, isso significa ser extremamente flexível em relação ao planejamento de aula, sem perder de vista que o sujeito do aprendizado são as pessoas que compõem o grupo de estudantes (FREIRE, 2021). O objeto de aprendizado, isto é, a língua italiana, nesse caso, encontra seu espaço no material didático e no estímulo à produção e à compreensão; não limita a participação e a discussão ao objeto, mas permite sua expansão para a realidade dos sujeitos.

Um dos relatos dos alunos permitiu perceber a mudança linguística que se propõe no Brasil, voltando-se para uma linguagem inclusiva em que questões de endereçabilidade e violência linguística são percebidas como frutos de uma realidade violenta. Trata-se do termo “mulato”, que algumas das pessoas da turma não sabiam ainda se tratar de um tipo de racismo linguístico. A discussão a respeito dessa palavra, em específico, se alongou e gerou racismo explícito por parte de uma aluna, o que causou desconforto e indignação de outras pessoas da classe. A aluna demonstrou resistência em repensar, em conjunto, o uso dessa palavra. Palavras têm ideologia. Tal resistência coloca cada indivíduo como avaliador de si mesmo, de suas posturas que possam se assemelhar àquela que lhes causa desconforto. Essa autoavaliação é parte essencial da formação do sujeito enquanto agente de seu aprendizado, tanto da língua estrangeira quanto da sua formação humana. Uma mudança coletiva se estabelece a partir de mudanças individuais, e repensar o uso que se faz da própria língua é repensar o mundo de modo mais amplo e as ações que se tomam nele, com ele.

3 Trata-se do projeto *Riaccolto – La terra della libertà*, que visa a estabelecer acolhimento civil e social para pessoas que trabalham na colheita de tomates.

Repensar o uso de uma palavra é também repensar todo um sistema social e linguístico, bem como um universo afetivo e de memórias. Ao prosseguir com seu relato, o aluno que contava uma história de infância não adotou mais o termo racista, fazendo ver um desejo de mudança em si e, portanto, no mundo no qual e com o qual está. Tudo somado, o resultado desse pequeno embate, dessa resistência que se quer conservar em seus hábitos de violência, foi, na verdade, positivo. O grupo, além de apoiar a não adoção do termo e agradecer ao colega pelo relato e pela mudança, não hesitou em se opor às provocações racistas e à insistência no uso desse vocábulo por parte da aluna citada anteriormente, bem como deixou evidente seu posicionamento social, que é essencialmente político. Esse exemplo é prova dos pequenos desafios cotidianos na vida das pessoas que se dispõem a trabalhar com educação, ou seja, com a formação de pessoas humanizadas, bem como a encarar a realidade do contexto de ensino-aprendizagem no Brasil. O NETI oferece um espaço confortável, bonito e de fácil promoção do bem-estar. Sabe-se, entretanto, que essa não é a realidade do ensino público no país, e que, pelo contrário, com o progressivo sucateamento dos espaços públicos de educação, mas não só, essa realidade se torna cada vez mais difícil e desafiadora.

A busca pela dignidade dos espaços e das outras pessoas se faz presente nos cenários da educação pública brasileira. A arte e a literatura, nesse contexto, promovem, ao menos, certa dignidade intelectual e estética, e se revelam como agentes humanizadoras e de socialização na sala de aula. A humanização por parte da turma se deu também em termos de busca por novas leituras, isto é, por um interesse ativo em se tornar agentes de sua formação para além da sala de aula. O convite a repensar suas próprias estantes e seus hábitos enquanto sujeitos leitores foi não apenas aceito, como aprovado com entusiasmo e curiosidade: o grupo pediu recomendações de outras leituras para além dos nomes citados, questionou a disponibilidade de alguns livros e a presença de literatura italiana traduzida no Brasil, especialmente de literatura italiana não-branca. Durante o ano de estágio, houve alguns eventos com presença de autores e autoras da Itália na Universidade à qual o NETI está vinculado – como Enrico Testa, Valerio Magrelli e Donatella Di Pietrantonio. Muitos de nossos alunos participaram da atividade e ouviram esses escritores e essa escritora falarem a respeito de suas obras, e relataram que se sentiram mais envolvidos nas atividades acadêmicas promovidas pela universidade pública brasileira. Além disso, havia, entre o grupo de nossos estudantes, pessoas com tendências à produção literária, as quais puderam partilhar suas criações, posteriormente, em sala de aula e, assim, colocaram-se em diálogo tanto com a literatura italiana como com a brasileira.

A universidade pública e suas iniciativas levam o grupo de pessoas que não faz parte da comunidade universitária a se perceber como parte de uma comunidade que pode aproveitar os eventos e recursos públicos que a instituição oferece e promove. Isso significa, ainda, que o estímulo à vida social, ao desenvolvimento intelectual e à experiência estética estimula as pessoas mais velhas a se manterem em contato com a vida política e cultural que se dá na universidade e fora dela, entre as pessoas e suas comunidades. Essa acolhida das pessoas mais velhas se deu

desde a produção do material didático até o estímulo a viver os espaços e eventos universitários, bem como na relação afetiva que se estabeleceu em sala de aula e nos grupos de *Whatsapp*.

Os meios digitais, cada vez mais presentes na vida das pessoas, como se tem visto nesses anos de pandemia e isolamento, se revelam um meio de manter a pessoa mais velha em contato com o mundo do aprendizado e das artes, para além da socialização. Com isso, o uso das tecnologias para atividades didáticas – como a leitura em voz alta de trechos de poemas e romances, o acesso a *sites* e plataformas digitais de aprendizado e contato com a língua estrangeira, a partilha de conteúdos de interesse comum – entra na sala de aula física e a expande para o cotidiano desses sujeitos. A pessoa mais velha em contato com as tecnologias e as novas tendências é uma pessoa em contato com o mundo e se vê nele, como parte essencial e ativa. Como propõe Freire (2020), o sujeito está não só no mundo, mas com o mundo.

Considerações finais

*[...] Sorride Mandela che questo è il tuo posto
Mi fermo un momento
Guardo il cielo sul tempio
E m'immagino un viaggio
Ti vedo contento sorriso e riparto*

(Mandela, Margherita Vicario)

Por fim, vale destacar que a formação crítica desses sujeitos prevê um olhar para a vida longa, e isso é reflexo de um quadro político preocupado com a qualidade de vida e o bem-estar da pessoa mais velha. Quer dizer, pensar em um público adulto de estudantes é levar em consideração políticas públicas que promovem a vida. Assim, o cenário político brasileiro recente, o qual aumentou a operacionalização da morte, bem como da morte em vida, para trazer as reflexões de Achille Mbembe (2016), faz refletir a respeito do valor da vida da pessoa mais velha e das perspectivas de bem-estar no mundo, com o mundo. Um país que não valoriza nem a educação nem as pessoas em formação – ou seja, as pessoas ao longo de toda a sua vida – é um país de governo que busca a vida em sua fragilidade e vulnerabilidade, para dela se aproveitar, para manter um estado de exploração de sujeitos fragilizados. Os professores, com salas de aula de língua estrangeira compostas por pessoas adultas e mais velhas precisam estar atentos a esses elementos, os quais parecem ultrapassar o espaço de promoção do ensino-aprendizado e encará-los sem medo. A coragem da verdade, para pensar nas considerações de Michel Foucault (2011), bem como da valorização de toda vida, precisa estar presente nesse espaço como um

gesto de afeto, um gesto humanizante. Promover uma discussão que envolve avaliar os próprios valores e memórias, perceber a violência operada para a manutenção da exploração de pessoas vulneráveis, bem como relacionar esses elementos às políticas públicas de ambos os países fez com que a sala de aula de língua italiana se transformasse em um ambiente de debate múltiplo e atual, conectando eventos e nomes a um modo de perceber a realidade e o papel de cada indivíduo nela, com ela.

Referências

- BALBONI, P. E. *Didattica dell'italiano a stranieri*. Roma: Bognacci Editore, 1994.
- BELLA, M. A. A. G. D. *O ensino de idiomas para a terceira idade: enfoque específico no ensino de língua italiana*. Dissertação, USP, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8148/tde-06052008-105726/pt-br.php>.
- BOUCHARD, N.; FERME, V. Narratives of migrant labor of global capitalism. In: *Annali d'Italianistica*, "From 'otium' and 'occupatio' to work and labor in Italian culture", v. 32, 2014, p. 429-453. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43894784>.
- CÂNDIDO, A. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. 3ª edição, São Paulo: Duas Cidades, 1995. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoarte.com/o-direito-a-literatura-antonio-candido/>.
- COSTA SOUSA, M. S.; NEVES DE SOUSA, D. Estratégias de ensino-aprendizagem de língua estrangeira no contexto da gerontologia. In: *Revista humanidades e inovação*, v. 6, n. 9, vol. 2, 2019.
- DINIZ, T. Retratos da literatura: um país que lê menos. In: *Itaú Cultural*, 12 out. 2020. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/secoes/noticias/retratos-leitura-pais-le-menos>.
- DOLCHER, C. L'acquisto jure sanguinis del diritto di cittadinanza in un contesto di società globale e multiétnica. In: *Visioni Latinoamericane*, n. 3, julho/2010. Disponível em: https://www.openstarts.units.it/bitstream/10077/5017/1/Dolcher_VisioniLA_3_2011.pdf
- EVARISTO, C. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.
- FOUCAULT, M. *A coragem da verdade. O governo de si e dos outros II. Curso no Collège de France (1983-1984)*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: wmf Martins Fontes, 2011.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 68ª edição, Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. 47ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- ITÁLIA. Gazzetta Ufficiale della Repubblica Italiana (1990). Lei de 28 de fevereiro de 1990, n. 39. Disponível em: <https://www.gazzettaufficiale.it/eli/id/1990/02/28/090G0075/sg>.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Fatos e números. Idosos e famílias no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

MARUIM, C. *Griô, a história negra do centro de Florianópolis | Maruim.org*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4ggqJVqRK9A>.

MBEMBE, A. Necropolítica. In: *Arte&Ensaio*s, revista do ppgav/eba/ufrrj, n. 32, dez/2016.

MENDES, E. A ideia de cultura e sua atualidade para o ensino-aprendizagem de LE/L2. *Revista EntreLinguas*, Araraquara, v. 1, n. 2, p. 203–222, 2015. DOI: 10.29051/el.v1i2.8060. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/entrelinguas/article/view/8060>.

NDJOCK, N. *Prigione*. Disponível em: https://www.didaweb.net/mediatori/articolo.php?id_vol=661.

OLIVEIRA, E. M.; SANTOS, Leonardo Gill Correia. A política de acolhimento aos imigrantes no Brasil. In: *ANPOCS*, 2015, Caxambu. Anais do 39º Encontro Anual da Anpocs, 2015.

PRADO, M. A. M.; ARAUJO, S. A. Políticas de atendimento a migrantes e refugiados no Brasil e aproximações da psicologia. In: *Revista psicologia política*, São Paulo, v. 19, n. 46, p. 570-583, dez. 2019. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2019000300014.

SCEGO, I. *La mia casa è dove sono*. Milão: Rizzoli, 2010.

SCHIER, J., ALVAREZ, A. M., GONÇALVES, L. H. T. 30 anos de NETI: o percurso de um modelo de educação permanente em gerontologia. In: *Extensio: revista eletrônica de extensão*, vol. 10, n. 15, 1º semestre, 2013. DOI: 10.5007/1807-0221.2013v10n15p1.

UZOMA, C. C.. *I limoni di Oforula*. Roma: La città e le stelle, 1996.

VICARIO, M. Mandela. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A1GnILhQR7g>.

WILLIG, M. H.; LENARDT, M. H.; MÉIER, M. J.. A trajetória das políticas públicas do idoso no Brasil: breve análise. In: *Cogitare Enfermagem*, [s.i.], v. 17, n. 3, set. 2012. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/29298>.

Recebido em: 03/04/2022 (versão atualizada: 08/08/2022)

Aprovado em: 08/10/2022